

♦ ALEXANDRE HERCULANO, que se havia oposto ao setembrismo, invocando a circunstância do mesmo haver quebrado o juramento de sangue que havia restaurado a Carta, insurge-se também contra o absolutismo, considerando que *em Portugal, o despotismo é que é moderno, e a liberdade antiga*, mergulhando nas *imunidades e franquias populares*, anteriores ao direito divino, quando a monarquia do século XVI peou nos nossos velhos concelhos, e entregou-os amarrados aos fidalgos, aos padres e aos agentes do poder real, destruindo essas cartas constitucionais, que reunidas eram o complexo do direito público do país, e que tinham em si próprias a garantia da realidade pelo que o espírito de liberdade morreu e o absolutismo assentou-se tranquilamente sobre o país, quando cessou entre nós o direito político do povo, o reinou despejado o absolutismo. Se critica no devorismo a política de camartelo e o vandalismo da nova burguesia (*o camartelo é o enlevo, o Bezerro de Ouro, o Moloch, o Baal da nossa burguesia*), nem por isso deixava de temer o materialismo setembrista que invocava a *soberania popular* e fazia apelo à *gentalha* e à *ralé popular* que ele considerava como as *fezes da sociedade*. Passa a defender uma postura centrista, esse meio termo entre a razão, que provinha da revolução, e a tradição, ancorada no cristianismo. Esse defensor do tradicionalismo que se colocou contra a tradição, esse homem religioso que sempre se assumiu como anticlerical, procurava como Lammenais, o fundador do jornal *Avenir*, de 1830, e autor de *Paroles d'un Croyant*, de 1834, a conciliação entre o liberalismo e o cristianismo, entre os ideais da *liberdade, igualdade e a fraternidade* e a religião tradicional. Tenta retomar em Portugal aquela corrente do chamado *liberalismo doutrinário*, dos moderados, marcados pelo *espiritualismo* de Royer-Collard, o *ecletismo* de Victor Cousin e a *moderação* de Benjamin Constant (1767-1830) que vão produzir Guizot. Essa corrente que em França, apoiou a restauração cartista de Luís XVIII que, vai passar para oposição com Carlos X, principalmente depois do governo de Villèle, mas que a partir da revolução de Julho volta ao poder com o *juste milieu* de Guizot, visando a criação de uma *classe média*, situada entre a aristocracia e o povo. Rejeita a tradição do filosofismo voltairiano do século das Luzes, herdado do cartesianismo e continuado por Holbach (1723-1789) e Diderot (1713-1784), essas *grandes filosofias dos ideólogos*, que até um sapateiro era capaz de estudar, batendo a sola e apertando o ponto; *filosofia de pão pão, queijo queijo; filosofia substancial; filosofia de ouvir, ver, cheirar, gostar e apalpar, roliça, atoucinhada, confortativa*. Esse modelo que tratava de *parafusar em entes de razão impalpáveis, em armadilhas que trescalam às parvoíces germânicas*,

*quando estava aí à mão a filosofia do senso comum, que é o senso patagão e russo, tupinamba e sueco, chim e dinamarquês, enfim o senso de todo o mundo.*